

Javier Perianes



GULBENKIAN
MÚSICA



19 mar 2019

Ciclo de Piano

19 MARÇO
TERÇA

20:00 — Grande Auditório

Javier Perianes Piano

Fryderyk Chopin

Dois Noturnos op. 48

Noturno em Dó menor, op. 48 n.º 1

Noturno em Fá sustenido menor, op. 48 n.º 2

Sonata n.º 3, em Si menor, op. 58

Allegro maestoso

Scherzo: Molto vivace

Largo

Finale: Presto, non tanto

INTERVALO

Claude Debussy

Estampes

Pagodes

La soirée dans Grenade

Jardins sous la pluie

Manuel de Falla

Quatro Peças Espanholas

Aragonesa

Cubana

Montañesa

Andaluza

Três danças de *El sombrero de tres picos*

Danza de los vecinos

Danza del molinero

Danza de la molinera

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Associação de Amigos Para Boas Causas

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Duração total prevista: c. 1h 50 min.
Intervalo de 20 min.

Fryderyk Chopin

Zelazowa Wola, 1 de março de 1810
Paris, 17 de outubro de 1849

Dois Noturnos op. 48

COMPOSIÇÃO: 1841
DURAÇÃO: c. 15 min.

Paris foi um grande centro da cultura romântica, onde o desenvolvimento do piano e a afirmação dos virtuosos ocuparam um lugar importante na primeira metade do século XIX. Fryderyk Chopin contribuiu determinadamente para a linguagem pianística do período, em especial com os noturnos, as valsas, as mazurcas, os prelúdios e as polacas. Os Noturnos op. 48 foram compostos em 1841, num ano em que a atividade do compositor foi intermitentemente interrompida por razões de saúde. O Noturno em Dó menor baseia-se num melodismo que mistura o cantado com o recitado, numa textura que alterna notas graves e acordes na mão esquerda. Os movimentos cromáticos na harmonia revelam o recurso esparso ao contraponto, cedendo lugar a uma secção intermédia de bravura, pontuada pela solenidade. O regresso à atmosfera inicial conclui a peça, que mistura lirismo com sofisticação. O Noturno em Fá sustenido menor encontra-se numa textura mais aproximada do género, em que uma melodia contemplativa sobressai sobre acordes harpejados. A secção intermédia apresenta-se de uma forma mais vertical e quase recitativa, preparando o retorno à atmosfera inicial, a qual cede lugar a uma coda.

Sonata n.º 3, em Si menor, op. 58

COMPOSIÇÃO: 1844
DURAÇÃO: c. 26 min.

A Sonata n.º 3, em Si menor, op. 58, foi a última obra de grande fôlego escrita por Chopin. Composta no verão de 1844, quando este se refugiava na residência campestre de George Sand, em Nohant, sintetizou diversos aspetos



NOCTURNE IN BLUE AND GREEN, POR JAMES MCNEILL WHISTLER, 1871 © DR

estilísticos do Romantismo. O *Allegro maestoso* começa de forma cinética e afirmativa, de forma a captar a atenção do ouvinte. Nessa textura, emerge um tema *cantabile* do primeiro grupo da forma sonata. Após a transição, ouve-se o segundo tema, que domina o andamento. O desenvolvimento antecipa uma reexposição parcial, centrada no segundo grupo temático. O curto *Scherzo* é rápido e tempestuoso e a sua forma tripartida contrasta o movimento das secções extremas com a verticalidade da secção central. Introduzido de forma afirmativa, o *Largo* transmite uma atmosfera contemplativa inspirada pelos noturnos do compositor. A sofisticação harmónica da secção intermédia contrasta com o lirismo do andamento. O *Finale* interpola episódios contrastantes com um refrão cantável. Neste andamento destaca-se o virtuosismo técnico, ao serviço de uma intensa expressividade romântica.

Claude Debussy

Saint-Germain-en-Laye, 22 de agosto de 1862
Paris, 25 de março de 1918

Estampes

COMPOSIÇÃO: 1903
DURAÇÃO: c. 15 min.

A escrita para piano de Claude Debussy apresenta-se como um campo de experimentação heterogéneo. Neste aspeto, o conjunto das *Estampes* ligam o tardo-romantismo dos *Arabesques* ao modernismo do primeiro livro dos Prelúdios. Terminadas em julho de 1903, as três peças de *Estampes* inspiram-se nas artes visuais e são dedicadas ao pintor Jacques-Émile Blanche. A relação entre artes visuais e música neste período, bem como a proximidade de Debussy aos artistas plásticos, motivou a catalogação da sua obra como impressionista. Contudo, apesar dos títulos das suas obras remeterem para a música programática do Romantismo, o compositor desenvolveu uma abordagem particular ao som. Paralelamente, grande parte da sua obra foi igualmente influenciada por artistas simbolistas e parnasianos. Dessa complexa interação, nasceu a sua voz individual. O ambiente asiático encontra-se patente em *Pagodes*, uma peça que remete para o orientalismo da época. Numa altura em que objetos chineses e japoneses faziam a sua entrada na casa dos europeus, Debussy escreve uma obra inspirada nas escalas e nos ritmos circulares da Ásia, elementos com os quais contactou durante as Exposições Universais de Paris de finais do século XIX. Assim, o gamelão indonésio inspirou o compositor a escrever obras em que o timbre e os *ostinati* rítmicos ocupam um lugar fundamental, como *Pagodes*. Uma atmosfera estática, baseada em elementos sonoros em registos diferentes, alia-se à desfuncionalização harmónica, numa peça construída de tensões e distensões. *La soirée dans Grenade* incorpora o modalismo da música popular espanhola, ligando-a à vivacidade rítmica. O exotismo

do flamenco perpassa toda a obra, que sugere a música de Satie e Albéniz, ligando a sofisticação parisiense à paisagem sonora da Andaluzia. *Estampes* termina com *Jardins sous la pluie*, uma evocação de uma chuvada num jardim da região normanda de Orbec. O *ostinato* quase hipnótico remete para a queda contínua de chuva. Contudo, as notas da melodia principal destacam-se nessa textura, gerada pela sobreposição de planos sonoros. Os temas são ondulantes e sinuosos, sugerindo a ideia de uma música líquida que evoca água em movimento, um *topos* muito frequente na música de Debussy.

CLAUDE DEBUSSY © DR



Manuel de Falla

Cádiz, 23 de novembro de 1876
Alta Gracia, Argentina, 14 de novembro de 1946

Quatro Peças Espanholas

COMPOSIÇÃO: 1906-1908
ESTREIA: Paris, 27 de março de 1909
DURAÇÃO: c. 15 min.

Tal como no Romantismo, Paris foi um importante foco de várias correntes do Modernismo, tendo atraído compositores de diversos lugares. A proximidade geográfica com Espanha fez com que importantes músicos, artistas visuais e cineastas espanhóis se fixassem na capital francesa. Manuel de Falla viveu em Paris entre 1907 e 1914, cidade onde se integrou nos círculos modernistas e desenvolveu o seu estilo. Num período em que virtuosos espanhóis como Albéniz se destacavam pelo folclorismo romântico, Manuel de Falla inspirou-se na música popular e tradicional do seu país de origem para desenvolver uma linguagem musical modernista. As *Quatro Peças Espanholas* foram escritas entre 1906 e 1908, e estreadas em Paris a 27 de março do ano seguinte. A apresentação esteve a cargo do pianista espanhol Ricardo Viñes, um importante divulgador da obra de compositores como Ravel e Debussy. A primeira das *Quatro Peças Espanholas* estiliza a jota aragonesa, em que pontificam as acentuações rítmicas que remetem para essa dança e uma ornamentação que enfatiza o sabor modal da peça. *Cubana* estiliza o ritmo da *habanera*, uma dança de Cuba que foi rapidamente disseminada nos bailes europeus do final do século XIX. A sua forma tripartida, em que se destaca uma melodia dançável sobre a alternância de ritmos binários e ternários, remete para o papel da cultura afro-cubana na música da ilha. A *Montañesa* integra aspetos estilísticos próximos do estilo de Debussy, sobretudo a sobreposição de diversos planos sonoros a uma nota grave que é insistentemente repetida. Nesta peça contemplativa, a melodia contrasta

com as ressonâncias do registo grave do piano. O conjunto termina com *Andaluza*, uma peça inspirada na música popular dos ciganos dessa região. Imitando os ataques e a ornamentação da guitarra flamenca, os seus ritmos animados remetem para um género musical representativo da identidade musical de Manuel de Falla.

Três danças de *El sombrero de tres picos*

COMPOSIÇÃO: 1919
DURAÇÃO: c. 15 min.

A companhia de dança dos *Ballets russes* foi fundamental para a afirmação do Modernismo nas diversas artes. O empresário Sergei Diaghilev congregou um grupo de bailarinos, coreógrafos, figurinistas, cenógrafos e compositores que transformaram a arte do século XX. Ao longo de várias fases, o percurso da companhia transfigurou-se. Após o exotismo da Rússia e de Stravinsky, o período Entre-Guerras estimulou a companhia a enveredar pela estilização da música do passado e da música popular. Em 1916 vivia-se a Primeira Grande Guerra e os *Ballets russes* passaram por Madrid. Nessa altura, Manuel de Falla guiou Diaghilev e o bailarino e coreógrafo Leonid Massine numa viagem pelo sul de Espanha, preparando a sua colaboração em *El sombrero de tres picos*. Este bailado resultou de uma revisão da pantomima *El corregidor y la molinera*, inspirada no romance homónimo de Pedro Antonio de Alarcón e apresentada em Madrid em 1917. Estreado em Londres a 22 de Julho de 1919, *El sombrero de tres picos* permanece uma das mais famosas obras de Manuel de



MANUEL DE FALLA © DR

Falla. De forma a serem apresentados em salas de concerto, alguns números foram arranjados em duas suites orquestrais em 1919 e 1921, respetivamente. Paralelamente, foi feito um arranjo para piano das *Três danças*. Essas danças caracterizam-se pela vivacidade rítmica, em que pontificam *ostinati* e acentuações marcadas, e pelo recurso ao modalismo. Começam com uma *seguidilla*, a *Danza de los vecinos*. No enredo do bailado, esse momento representa uma festa popular na noite de São João. A *seguidilla* é uma canção castelhana dançada a pares e nela o compositor estilizou a sua vocalidade e o acompanhamento instrumental. Segue-se a *Danza del molinero*, o protagonista masculino do bailado. Consiste numa *farruca*, uma forma do flamenco desenvolvida no século XIX. Tradicionalmente dançada a solo por um homem, a *farruca* tem uma introdução e uma

sucessão de episódios contrastantes baseados na mesma acentuação, potenciando uma coreografia viva e agitada. O arranjo termina com a *Danza de la molinera*, um fandango. As origens da dança são obscuras, apontando para as colónias espanholas. Contudo, os músicos ligados ao flamenco adotaram-na no século XIX, tornando-a numa das principais formas do género. O ritmo agitado da *Danza de la molinera* estiliza as secções cantadas do flamenco, alternando-as com os elementos instrumentais do género. As acentuações marcadas e assimétricas e os jogos de pergunta e resposta destacam-se na dança. Nestas obras, Manuel de Falla integra também escalas associadas ao Modernismo francês na textura, criando uma mescla de localismo e cosmopolitismo.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Javier Perianes

Piano



© IGOR STUDIO

Ao longo da sua brilhante carreira internacional, Javier Perianes apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concertos do mundo, em colaboração com as principais orquestras e com maestros como D. Barenboim, C. Dutoit, L. Maazel, Z. Mehta, G. Dudamel, S. Oramo, Y. Temirkanov, V. Jurowski ou D. Harding. Descrito no jornal *The Telegraph* como “um pianista de gosto refinado, dotado de uma extraordinária e calorosa sonoridade”, recebeu o Prémio Nacional de Música 2012 e foi nomeado “Artista do Ano 2019” nos International Classical Music Awards. Os compromissos de Javier Perianes na temporada 2018-2019 incluem uma digressão por Espanha com a Orquestra Filarmónica de Londres e o maestro Juanjo Mena, que culminou na capital britânica com a integral dos concertos para piano de Beethoven, no Royal Festival Hall. O pianista também interpreta obras de Beethoven numa digressão orquestral na Austrália e na Nova Zelândia. Uma outra digressão, nos Estados Unidos da América, incluiu a interpretação do Concerto n.º 27 de Mozart, com a Orpheus Chamber Orchestra, finalizando com o regresso ao

Carnegie Hall de Nova Iorque. Para além de Mozart e Beethoven, os programas de Javier Perianes para a presente temporada incluem obras de Ravel, Saint-Saëns, Grieg, Falla e Bartók, que apresenta com várias orquestras, incluindo a do Gewandhaus de Leipzig e a do Konzerthaus de Berlim, as Sinfónicas de Toronto, St. Louis, San Francisco e Milwaukee, a Orquestra de Paris, a Orquestra Escocesa da BBC e a Filarmónica Checa no seu regresso ao festival “Primavera de Praga”. Em recital, Javier Perianes empreende uma extensa digressão europeia que, para além de Lisboa, o levará a Londres, Paris, Frankfurt, Oslo, Istambul, Barcelona e Madrid. Nas temporadas mais recentes, destacam-se as atuações com a Filarmónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Philharmonia Orchestra, a Orquestra de Cleveland, as Sinfónicas de Chicago, Boston e São Francisco, as Filarmónicas de Oslo, Nova Iorque e Los Angeles e a Sinfónica de Montreal. Javier Perianes é um artista exclusivo da Harmonia Mundi. Os seus últimos álbuns incluem as Sonatas D. 960 e D. 664 de Schubert e o Concerto para Piano n.º 3 de Béla Bartók, com a Filarmónica de Munique e o maestro Pablo Heras-Casado.

Juntos na paixão pela cultura

pwc

Acreditamos no impacto que a cultura tem, pois ela é essencial no desenvolvimento de uma sociedade. Um dos desafios da PwC Portugal passa por acrescentar valor aos nossos clientes através de um serviço de qualidade nas áreas de auditoria, assessoria de gestão, fiscalidade e formação de executivos.



Conheça-nos melhor em www.pwc.pt



158
países



236.235
colaboradores



736
escritórios

Siga-nos     

© 2018 PricewaterhouseCoopers & Associados - Sociedade de Revisores Oficiais de Contas, Lda. Todos os direitos reservados. PwC refere-se à PwC Portugal, constituída por várias entidades legais, ou à rede PwC. Cada firma membro é uma entidade legal autónoma e independente. Para mais informações consulte www.pwc.com/structure.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
500 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Março 2019

